

Desespero, morte e religião: A Morte de Ivan Ilitch analisada em diálogo com Kierkegaard

Despair, Death and Religion: The Death of Ivan Ilych Analyzed in Dialogue with Kierkegaard

Autor: Jonas Roos
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil
Edição: RUS, Vol. 15. Nº 26
Publicação: Maio de 2024
Recebido em: 19/04/2024
Aceito em: 15/05/2024

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2024.224131>

ROOS, Jonas.
Desespero, morte e religião: A Morte de Ivan Ilitch analisada em diálogo com Kierkegaard.
RUS, São Paulo, v. 15, n. 26, pp. 135-152, 2024.



Desespero, morte e religião: *A Morte de Ivan Ilitch* analisada em diálogo com Kierkegaard

Jonas Roos*

Resumo: Este texto se debruça sobre alguns aspectos de *A Morte de Ivan Ilitch*, analisando-os em diálogo com *A Doença para a Morte*, de Kierkegaard. O autor dinamarquês entende o ser humano como síntese de infinitude e finitude (e de seus correlatos) e disso deriva tanto um sentido específico para o conceito de desespero (como perda de si mesmo) quanto um conceito específico de fé (como superação do desespero). A partir daí o personagem Ivan Ilitch será analisado em relação às categorias de *desespero da finitude* e de *desespero que está na ignorância de ser desespero*. Por fim, será ainda analisado sob o ponto de vista da *consciência do desespero* e sob o ponto de vista da *fé*. Nesta última parte serão desenvolvidas ainda algumas reflexões a partir da obra *Uma Confissão*, de Tolstói.

Abstract: This text focuses on some aspects of *The Death of Ivan Ilych*, analyzing them in dialogue with Kierkegaard's *The Sickness Unto Death*. The Danish author understands the human being as a synthesis of the infinite and he finite (and their correlates) and from this derives both a specific meaning for the concept of despair (as loss of oneself), and a specific concept of faith (as overcoming despair). From then on, the character Ivan Ilyich will be analyzed in relation to the categories of *Finitude's despair* and *Despair that is ignorant of being despair*. Finally, he will also be analyzed from the point of view of *Consciousness of despair* and from the point of view of faith. In this last part, some reflections will be developed based on the work *A Confession*, by Tolstoy.

Palavras-chave: Kierkegaard; Tolstói; Finito; Infinito; Fé
Keywords: Kierkegaard; Tolstoy; Finite; Infinite; Faith

“A queda mais profunda da raça humana está de fato reservada para os tempos mais recentes. Há uma descoberta que o ser humano fez, e ele está feliz com sua descoberta: o modo de deixar a vida fácil é torná-la insignificante”
Kierkegaard

O

objetivo principal deste texto é pensar a questão existencial da vida diante da morte, no horizonte da religião, fundamentalmente a partir de um diálogo entre *A Morte de Ivan Ilitch* e *A Doença para a Morte* (do pseudônimo kierkegaardiano Anti-Climacus). O texto não tem por foco a comparação entre essas duas obras em suas totalidades, antes propõe uma leitura específica do personagem de Tolstói a partir do conceito de desespero como elaborado pelo pseudônimo kierkegaardiano Anti-Climacus, nomeadamente o *desespero da finitude*¹ e o *desespero que está na ignorância de ser desespero*.²

O conceito kierkegaardiano de desespero se apresenta como um termo técnico, e não como aquilo que se refere apenas a momentos de aflição, descontrole, tormento etc. Segundo esse conceito, a vida de uma pessoa responsável, alegre e respeitada pela sociedade pode ser toda ela desesperada. A partir desse ponto de vista, as duas obras em questão parecem iluminar uma à outra e ambas ao problema que, pelo menos em parte, as une, e aqui nos interessa. A definição kierkegardiana de desespero se estrutura a partir da relação entre finitude e infinitude (bem como seus correlatos) enquanto má relação entre esses polos que constituem o ser humano. No interior dessa reflexão, a fé (a partir de uma conceituação bem específica e, assim como com relação ao desespero, igualmente técnica) desempenhará importante papel e será entendida como cura para o desespero justamente por consistir na recuperação da relação mal articulada. Assim, a partir da conceituação de desespero nos tipos mencionados e de sua comparação com a situação de Ivan Ilitch, o texto avançará para uma leitura da superação do desespero como se entende experimentada por Ivan Ilitch, ao final da obra, utilizando para isso o conceito de fé como superação do desespero e reestabelecimento da relação entre finitude e infinitude. Isso será feito em um breve diálogo com algumas passagens selecionadas de *Uma Confissão*, de Tolstói.

* Universidade Federal de Juiz de Fora – Professor Associado no Departamento e no Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião. Graduação em Filosofia - Universidade do Vale do Rio dos Sinos (1999), Doutorado (2007) e Mestrado (2003) em Teologia – Instituto Ecumênico de Pós-Graduação das Faculdades EST. Doutorado sanduíche com bolsa CNPq no Søren Kierkegaard Research Centre, Copenhagen, Dinamarca, e Pós-Doutorado em Filosofia – Unisinos (2009), com bolsa CNPq. Traduziu *A Doença para a Morte* (Vozes), de Kierkegaard.
<http://lattes.cnpq.br/1088757246032009>; jonas.roos@ufjf.br

1 Kierkegaard 2022, p. 66-68.

2 Kierkegaard 2022, p. 76-82.

1. Caracterização do desespero em Kierkegaard e sua relação com Ivan Ilitch

Kierkegaard publica *A Doença para a Morte: uma exposição psicológico-cristã para edificação e despertar*, sob o pseudônimo Anti-Climacus, no ano de 1849. Escrita durante as revoluções de 1848, a chamada primavera dos povos, esta obra, mesmo atenta a esse contexto,³ mantém a ênfase kierkegaardiana no indivíduo e na necessidade de seu desenvolvimento pessoal, a ênfase em relação àquelas questões com as quais cada indivíduo deve lidar de modo intransferível, como uma posição diante da vida e da morte, e tudo que aí está envolvido. O conceito de desespero é utilizado nesta obra a fim de diagnosticar a perda⁴ do si-mesmo (*Selv*), que Kierkegaard percebe como algo presente e, em boa medida, inconsciente, em seus contemporâneos.⁵

Em sua *Introdução*, a obra toma como mote o texto bíblico da ressurreição de Lázaro⁶ e a fala de Jesus de que a “doença” de Lázaro, a sua morte, não era a doença para a morte.⁷ No entendimento do autor, se a própria morte não é a *doença para a morte*, deveria haver algo pior do que a própria morte, algo que seria propriamente a doença para a morte. Kierkegaard afirmará que essa doença consiste no desespero, que então passará a ser definido e descrito em suas diferentes manifestações ao longo do livro.

Em linhas gerais o desespero será um viver sem viver, um vivenciar a morte do si-mesmo. Segundo o autor, “o desespero é a doença para a morte, essa torturante contradição, essa doença no si-mesmo, eternamente morrer, morrer e, contudo, não morrer [...] vivenciar o morrer”.⁸

É importante perceber que já aqui, ainda no início da obra, o desespero começa a se desenhar como um parâmetro para refletir sobre a vida, um parâmetro para lidar com aquela pergunta sobre como viver. É digno de nota que, ao final de *A Morte de Ivan Ilitch*, o que mais aflige nosso personagem não é propriamente a doença do corpo, mas a doença decorrente do modo como viveu: “[...] os sofrimentos físicos dele eram terríveis

3 Esta relação de Kierkegaard com o seu contexto durante as revoluções de 1848 se mostra aberta ao debate entre especialistas. Concordo com a leitura da situação como apresentada em Hannay, 2001, p. 372.

4 Ou, mais literalmente, a má relação (em dinamarquês: Misforhold) do si-mesmo para consigo mesmo. Essa má relação, contudo, é entendida por Kierkegaard também como perda do si-mesmo. Cf. Por exemplo, Kierkegaard, 2022, p. 65.

5 Sobre a relação de Kierkegaard com seus contemporâneos dinamarqueses e com a sociedade de seu tempo, em termos gerais, cf. o clássico Kirmmse, 1990. Para essa questão relacionada especificamente a *A Doença para a Morte*, cf. pp. 365-378.

6 Ev. de João, cap. 11.

7 João 11.4.

8 Kierkegaard, 2022, p. 49.

[...] mas os seus sofrimentos morais eram mais terríveis que os físicos, e nisso consistia a sua tortura maior”.⁹ E, adiante: “Não é isso. Tudo aquilo que viveste e de que vives é uma mentira, um embuste, que oculta de ti a vida e a morte”.¹⁰ Em termos kierkegaardianos, o problema aqui é que, sem a busca por uma consciência do que sejam a vida, a morte e o eu (o si-mesmo), o indivíduo vive sem viver, vive a morte (desespero), e é justamente nisso, e não na doença do corpo, que, pelo menos no caso de Ivan Ilitch, parecem estar seus piores tormentos.

Se em *A Morte de Ivan Ilitch* acompanhamos um personagem que se desenvolve no processo de encontro consigo mesmo, o que Kierkegaard estabelece em sua obra de 1849 é justamente a ideia de um ser humano pensado não como substância, mas como relação e *processo*, o que em termos abstratos fica caracterizado como uma síntese de elementos polares que precisa ser realizada, efetivada, na existência. No início d’*A Doença para a Morte*, lemos:

O ser humano é espírito. Mas o que é espírito? Espírito é o si-mesmo. Mas o que é o si-mesmo? O si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si-mesmo não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade,¹¹ em suma, uma síntese.¹²

Podemos dizer que o ser humano é aqui pensado como processo porque a síntese ou relação que constitui o ser humano possui elementos próprios a cada indivíduo.¹³ O processo de individuação ou, nos termos de Kierkegaard, de tornar-se si mesmo, consiste justamente na construção da relação da síntese com suas polaridades intransferíveis.

9 Tolstói, 2006, p. 71.

10 Tolstói, 2006, p. 73.

11 Rigorosamente, Kierkegaard entende o ser humano como síntese de possibilidade e necessidade, e não de liberdade e necessidade, como aparece nesse ponto. A liberdade, no modo como Kierkegaard pensa, não se constitui como o polo relativo à necessidade, mas como o resultado, por assim dizer, da síntese bem efetivada entre possibilidade e necessidade. Adiante, nessa mesma obra, o autor se referirá a esse aspecto da síntese em termos de *possibilidade* e *necessidade*. Cf. por exemplo, Kierkegaard, 2022, p. 68-69: “b”. Desespero visto sob a determinação possibilidade – necessidade: Possibilidade e necessidade são igualmente essenciais para o tornar-se (e o si-mesmo deve, pois, livremente tornar-se si mesmo). Assim como infinitude e finitude (απειρον – περας) [ilimitado – limitado] pertencem ao si-mesmo, assim também possibilidade e necessidade. Um si-mesmo que não tem nenhuma possibilidade está desesperado, e assim também um si-mesmo que não tem nenhuma necessidade”. Com relação à necessidade, John D. Glenn, Jr. (1987, p. 8) esclarece um ponto relevante para a filosofia de Kierkegaard: “A ‘necessidade’ do si-mesmo [...] não parece aqui significar a sua sujeição a uma necessidade lógica ou causal, mas refere-se antes às suas limitações intransponíveis”.

12 Kierkegaard, 2022, p. 43.

13 Ou seja, minha vida enquanto indivíduo é composta de elementos de necessidade que pertencem somente a mim (por exemplo, o contexto em que nasci, seja o local, as circunstâncias históricas, família etc. Assim também minha constituição corporal etc.) e, ao mesmo tempo, elementos de possibilidade que, pelo menos em parte, dizem respeito só a mim.

Kierkegaard entende o ser humano não como um conjunto de sínteses, mas como *uma síntese* que pode ser analisada sob diferentes pontos de vista. É a partir desse entendimento antropológico que o autor definirá o desespero como *má relação na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma*.¹⁴ Assim, o desespero consiste no aferrar-se a um dos polos da síntese em detrimento do outro: uma pessoa que pauta toda sua vida a partir da finitude em detrimento da infinitude está desesperada (*desespero da finitude*). E uma pessoa que, inversamente, pauta toda sua vida pela infinitude em detrimento da finitude, também está desesperada (*desespero da infinitude*). Assim por diante, o mesmo vale para as demais polaridades.

A primeira consequência importante a se observar a partir disso é que desespero aqui é um termo técnico, por assim dizer, e não aquilo que se relaciona apenas a momentos de aflição, tormento ou descontrole (embora possa estar presente também nisso). A vida de uma pessoa responsável, pontual, alegre, boa funcionária, boa colega ou companheira *pode ser* toda ela desespero, o desespero de uma vida restrita à finitude.¹⁵ Assim, a partir de critérios meramente exteriores, na maioria dos casos, é impossível dizer se alguém está ou não desesperado. É cada indivíduo que deve analisar a si mesmo.

O desespero, contudo, deve ser analisado não apenas a partir dos polos da síntese, mas também sob o ponto de vista da consciência ou ignorância que uma pessoa tem do próprio desespero (retornaremos a esta questão no ponto 3 deste texto).

Antes de prosseguirmos, contudo, é importante termos em mente que Kierkegaard utiliza a *palavra* desespero de modo diferente do que o faz Tolstói em *A Morte de Ivan Ilitch*, que a utiliza em sentido mais genérico (embora Kierkegaard, algumas vezes, também a utilize em sentido genérico).¹⁶ Entretanto, o

14 Kierkegaard, 2022, p. 46. "Desespero é a má relação na relação de uma síntese que se relaciona consigo mesma. Mas a síntese não é a má relação, ela é apenas a possibilidade, ou na síntese está a possibilidade da má relação. Se a síntese fosse a má relação, então o desespero absolutamente não existiria, então o desespero seria algo que estaria na natureza humana como tal, ou seja, não seria desespero; ele seria algo que aconteceu à pessoa, algo que ela sofreu, como uma doença da qual a pessoa foi acometida, ou como a morte, que é o destino de todos. Não, desesperar está no próprio ser humano; mas se ele não fosse síntese, absolutamente não poderia desesperar, e se a síntese não saísse originalmente das mãos de Deus na correta relação, ele também não poderia desesperar."

15 Cf. Kierkegaard, 2022, p. 56. "O desespero não é apenas dialeticamente diferente de uma doença, mas, em relação ao desespero, todas as suas características são dialéticas, e por isso a consideração superficial se engana tão facilmente no determinar se o desespero está ou não presente. O não estar desesperado pode significar justamente estar desesperado, e pode significar estar salvo do desespero. Segurança e tranquilidade podem significar estar desesperado, justamente essa segurança, essa tranquilidade, podem ser o desespero; e podem significar também que se superou o desespero e se conquistou a paz".

16 Segundo o Dicionário Aulete da Língua portuguesa: Desespero: s.m. 1. Ação ou resultado de desesperar(-se); DESESPERAÇÃO. 2. Estado de espírito ou sofrimento daquele que passa por inúmeras dificuldades e aflições e não tem como superá-las ou acredita que não o possa fazer; DESESPERANÇA. 3. Sofrimento moral extremo, misto de aflição, angústia, descontrole e tormento, ligado muitas vezes à sensação de perda (ger. irreparável). 4. Irritação, raiva. 5. Fig. Aquilo que leva alguém a desesperar-se.

modo como Kierkegaard elabora o *conceito* de desespero (como má relação no si-mesmo) encontra eco, segundo a leitura que aqui proponho, no texto de Tolstói. Atente-se, portanto, na comparação entre essas duas obras, à diferença entre palavra e conceito.

2. Ivan Ilitch e o desespero da finitude

Para Kierkegaard, diferentes tipos de desespero constituem diferentes modos de perder-se a si mesmo. Ao caracterizar o desespero da finitude, Kierkegaard se refere ao problema de dar valor infinito ao indiferente.¹⁷ Esse tipo de desespero:

deixa como que surrupiar o seu si-mesmo “pelos outros”. Ao ver a multidão ao seu redor, ao ocupar-se com todo tipo de assuntos mundanos, ao adquirir esperteza sobre como andam as coisas no mundo, um tal sujeito se esquece de si mesmo, de como ele, na perspectiva divina, se chama, não ousa acreditar em si mesmo, acha que é arriscado demais ser si mesmo, muito mais fácil e seguro ser como os outros, tornar-se uma cópia, um número, uma parte da massa.¹⁸

É importante percebermos que o que torna alguém um indivíduo no sentido forte do termo não é aquilo que pode simplesmente ser caracterizado como suas ações individuais. Todos nós podemos agir individualmente *contra* a nossa própria liberdade ou de modo a nos auto sabotarmos. Para Kierkegaard, a ação individual é fundamental no processo de tornar-se si-mesmo, mas essa ação precisa ser qualificada, e o critério para tal é justamente a realização da síntese de finitude e infinitude, ou seja, é preciso agir individualmente, mas na direção da recuperação, e não da cisão da síntese que nos constitui. Sem essa qualificação, a ação individual pode ser justamente o que afasta o indivíduo de sua individualidade e, tema caro à análise que Kierkegaard faz do desespero, pode levar a pessoa a deixar de ser si mesma e passar a meramente copiar os outros.

17 “Carecer de infinitude é desesperada limitação, estreiteza. Naturalmente aqui se trata apenas de estreiteza e limitação num sentido ético. No mundo realmente só se fala de estreiteza intelectual ou estética, ou sobre o indiferente, que é sempre o mais falado no mundo; pois o ponto de vista do mundo consiste justamente em dar valor infinito ao indiferente. A visão mundana agarra-se sempre à diferença entre uma pessoa e outra, e não tem, naturalmente (pois tê-lo seria espiritualidade), nenhum entendimento sobre a única coisa necessária e, portanto, não tem nenhum entendimento a respeito da limitação e estreiteza que é ter perdido a si mesmo, não por ser volatilizado no infinito, mas por estar completamente finitizado, por ao invés de ser um si-mesmo ter se tornado um número, uma pessoa a mais, apenas mais uma repetição dessa eterna *Einerlei* [Nota do tradutor: *Einerlei* (em alemão, no original): discurso monótono, lengalenga, ladainha]”. Kierkegaard, 2022, p. 66.

18 Kierkegaard, 2022, p. 66-67.

Ainda no começo da novela de Tolstói lemos que Ivan Ilitch, “era atraído, como o inseto pela luz, pelas pessoas altamente colocadas na sociedade, assimilava suas maneiras, a sua visão de vida, e estabelecia relações amistosas com elas”.¹⁹ E um pouco adiante, a vida de Ivan Ilitch é assim descrita: “Tudo corria de mãos limpas, de camisa limpa, com palavras francesas, e, sobretudo, na mais alta sociedade, por conseguinte com a aprovação das pessoas altamente colocadas”.²⁰ A preocupação de Ivan Ilitch com as chamadas *pessoas altamente colocadas* atravessa o livro. A vida se torna certamente mais fácil e segura ao se ser como os outros, ao tornar-se uma cópia, um número, uma parte da massa.²¹ Tal facilidade, contudo, tem um custo alto para a individualidade. Essa ideia, que mais explícita ou mais implicitamente perpassa vários textos de Kierkegaard, encontra uma clara expressão em uma entrada de seus diários, “a maneira de deixar a vida fácil é torná-la insignificante”.²²

Kierkegaard afirma que “A esta forma de desespero não se dá quase nenhuma atenção no mundo. Um tal sujeito, precisamente por perder-se a si mesmo deste modo, ganhou perfectibilidade²³ para participar dos negócios cotidianos, sim, para fazer sucesso no mundo”.²⁴ A perda de si mesmo não é algo que pode ser medido por critérios externos ou padrões sociais. Do ponto de vista exterior ou social Ivan Ilitch era um grande sucesso, *le phenix de la famille*.²⁵ Ao se lançar toda a energia de uma vida para a finitude e seus cuidados, é bastante provável que uma pessoa adquira perfectibilidade, como afirma Kierkegaard, para fazer sucesso no mundo.²⁶

O sujeito no desespero da finitude, na fina ironia de Kierkegaard, “longe de ser considerado como alguém desesperado [...] é exatamente o que uma pessoa deveria ser”.²⁷ Ainda nas primeiras páginas da obra de Tolstói, quando Piotr Ivânovitch vê o rosto do velho amigo no caixão, pensa consigo: “Esse rosto expressava que fora feito o que se devia fazer, e que se fizera corretamente”.²⁸

As duas obras aqui em análise mostram que a perda do eu pode se disfarçar no seu contrário, na aparência de uma vida rica,

19 Tolstói, 2006, p. 18.

20 Tolstói, 2006, p. 20.

21 Kierkegaard, 2022, p. 67.

22 Kierkegaard, 2014, SKS 26 (NB 33:51 – 1854). “A queda mais profunda da raça humana está de fato reservada para os tempos mais recentes. Há uma descoberta que o ser humano fez, e ele está feliz com sua descoberta: o modo de deixar a vida fácil é torná-la insignificante”. Grifo no original. Tradução própria.

23 Perfectibilitet: termo latino que indica a capacidade de se desenvolver, de fazer progresso, se aperfeiçoar, se tornar completo. [Nota do tradutor].

24 Kierkegaard 2022, p. 67.

25 Tolstói, 2006, p. 18.

26 Cf. Kierkegaard 2022, p. 67.

27 Em sua narrativa, Tolstói nos fornece recursos suficientes para percebermos como Ivan Ilitch era visto pela sociedade que o rodeava, ou seja, aquele Ivan visto de fora, sem os conflitos internos dos quais viemos a tomar consciência.

28 Tolstói, 2006, p. 11.

correta, exuberante. Kierkegaard afirma que “O desespero que não só não causa nenhum inconveniente na vida, mas torna a vida da gente acolhedora e confortável, naturalmente não é, de jeito nenhum, tido por desespero”.²⁹ E a vida de Ivan Ilitch “correu da maneira pela qual, segundo a sua concepção, devia correr: leve, agradável e decentemente”.³⁰

Já na cena de abertura do livro, ambientada no edifício do Foro, no intervalo de um julgamento, viemos a saber que o falecido Ivan Ilitch era colega dos cavalheiros ali reunidos, e que *todos gostavam dele*.³¹ Pensada a partir dos critérios desenvolvidos por Kierkegaard, uma vida pode transcorrer toda ela desesperadamente e, não *apesar* disso, mas justamente *em função disso*, a vida pode se tornar agradável.

A questão apresentada por Kierkegaard implica em que nós, humanos, inevitavelmente lidamos com a infinitude. A infinitude é parte da síntese que nos constitui. Isso significa que nós efetivamente atribuímos valores de infinitude a diferentes elementos de nossas vidas. Filosoficamente é possível pensar a consistência ou inconsistência de tais atribuições, é possível pensar se a infinitude é atribuída àquilo que pode ser concebido como infinito, ou se ela é atribuída ao que só pode ser concebido como finito e condicionado.³² Sempre que essa última opção se estabelece, o indivíduo gera seu próprio desespero. Essa má relação entre finitude e infinitude pode se mostrar tanto nas grandes questões da vida como em detalhes do cotidiano (e obviamente nem por isso menos reveladores da existência). E esse processo pode tornar a vida tanto leve, agradável e decente, quanto pesada, desagradável, maçante. Com relação à casa de Ivan Ilitch, toda cuidadosamente decorada por ele, viemos a saber que. “[...] Irritavam-no cada mancha sobre a toalha, sobre um damasco, cada cordão de cortina roto: a instalação custara-lhe tanto trabalho que lhe doía qualquer estrago [...]”.³³

Se entendermos que para Kierkegaard a formação do si-mesmo se dá no enfrentamento do próprio desespero e, portanto, na relação entre finitude e infinitude, e que, por consequência, não desenvolver o si-mesmo significa lidar mal com essas polaridades, então podemos perceber que o parágrafo final em que o dinamarquês analisa o desespero da finitude nos revela muito sobre Ivan Ilitch e, talvez, sobre nós mesmos:

E assim são as coisas no desespero da finitude. Por uma pessoa estar desesperada deste modo, pode muito bem ir

29 Kierkegaard, 2022, p. 67.

30 Tolstói, 2006, p. 33.

31 Cf. Tolstói, 2006, p. 7-8.

32 Essa mesma linha de reflexão se torna importante para a Teologia cristã como um todo. Para uma leitura contemporânea da questão, relativa à fé, ver, por exemplo, Tillich, 1996, p. 13-17; 35-39.

33 Tolstói, 2006, p. 32.

vivendo, e justamente por isso ainda melhor, na temporalidade, aparentar ser um humano, ser louvado pelos outros, honrado e considerado, ocupado com todos os objetivos temporais. Sim, justamente aquilo que se chama mundanidade consiste apenas em pessoas que, se podemos dizê-lo, vendem a alma ao mundo.³⁴ Eles usam suas capacidades, ganham dinheiro, realizam empreendimentos mundanos, contabilizam com astúcia etc. etc., talvez sejam mencionados na história, mas si mesmos eles não são; no sentido espiritual, não têm um si-mesmo, nenhum si-mesmo em virtude do qual poderiam arriscar tudo, nenhum si-mesmo [Selv] diante de Deus – por mais egoístas [selviske] que de resto sejam.³⁵

3. Ivan Ilitch e o desespero que está na ignorância de ser desespero

O desespero, contudo, precisa ser analisado não apenas do ponto de vista dos polos da síntese, mas também do ponto de vista da consciência: “quanto mais consciência tanto mais intenso é o desespero”.³⁶ Quando caracteriza o *desespero inconsciente*, Kierkegaard o faz a partir da imagem de uma casa:

Se quisermos imaginar uma casa, com porão, primeiro e segundo pisos, habitada ou construída de modo que houvesse ou estivesse projetada para haver uma distinção social entre os moradores de cada andar – então se compararia o ser uma pessoa com uma tal casa: este é infelizmente o caso, triste e ridículo, da maioria das pessoas, que elas, em suas próprias casas, preferem habitar o porão. Cada ser humano é a síntese anímico-corpórea estabelecida para ser espírito, esta é a construção; mas ele prefere habitar o porão, ou seja, as determinações do sensível. E não apenas prefere morar no porão, não, ele o ama a tal ponto que fica indignado quando alguém lhe sugere ocupar o belo andar superior que está vago à sua disposição – já que ele, afinal de contas, mora na sua própria casa.³⁷

Tanto no desespero da finitude quanto no desespero inconsciente há uma preferência pelas determinações do sensível, por, segundo a descrição e Tolstói, aquela vida em que tudo corre de mãos limpas, de camisa limpa, com palavras francesas, e na mais alta sociedade...³⁸ Isso que Kierkegaard chama de determinações do sensível constitui um bom instrumental para tornar a vida limpa e agradável, ou seja,

34 *forskrive sig til Verden: alusão ao dito forskrive sig til Fanden*, que se traduz por “vender a alma ao diabo”. [Nota do tradutor].

35 Kierkegaard, 2022, p. 68.

36 Kierkegaard, 2022, p. 76.

37 Kierkegaard, 2022, p. 78.

38 Tolstói, 2006, p. 20

inconsciente de ser desespero. Em tal situação, o indivíduo normalmente fica indignado, segundo a análise de Kierkegaard, quando alguém lhe sugere que a vida deve se desenvolver para além das determinações do sensível (o que, para o dinamarquês, de modo nenhum vem a negar em si mesmos os prazeres da sensibilidade).³⁹

Enquanto o indivíduo olha para sua vida a partir de critérios externos, a partir das categorias do sensível apenas, não tem como chegar à consciência do desespero. É preciso que a própria existência vacile, que o núcleo de uma existência seja posto em xeque, que o indivíduo se perceba como partícipe da finitude e da infinitude, que é justamente o que Kierkegaard entende como espírito. Segundo o autor,⁴⁰

Toda existência humana que não é consciente de si mesma enquanto espírito [...] toda existência assim constituída, o que quer que realize, por mais surpreendente que seja, o que quer que explique, mesmo que seja toda a existência, por mais intensivamente que goze a vida esteticamente: toda existência assim constituída é, afinal, desespero.⁴¹

Como se percebe em *A Morte de Ivan Ilitch*, essa questão não atinge apenas o nosso protagonista, mas também – à exceção de Vássia, o filho de Ivan Ilitch, e de Guerássim – atinge todas as pessoas ao seu redor. Ainda no velório de Ivan Ilitch, seus antigos amigos Schwartz e Piôtr Ivánovitch trocam olhares bastante eloquentes, de modo que este último vem a compreender que:

Schwartz estava acima daquilo e não se entregava às impressões acabrunhantes. O simples aspecto dele já dizia: o incidente das exéquias de Ivan Ilitch não pode de modo algum servir de pretexto suficiente para se considerar alterada a ordem da sessão, isto é, nada poderá impedi-lo de fazer estalar, naquela mesma noite, um baralho de cartas, ao desembulhá-lo, enquanto um criado colocará quatro velas novas; e em geral, não havia motivo para se supor que aquele incidente pudesse impedi-los de passar agradavelmente também aquela noite.⁴²

³⁹ A esse respeito, cf. Roos, 2014.

⁴⁰ Kierkegaard, 2022, p. 81.

⁴¹ O desespero inconsciente não apenas é inconsciente, mas *foge* da consciência, não quer enfrentar a consciência, não tem o espírito suficientemente desenvolvido para encarar a morte, ou, o que poderíamos dizer também em termos heideggerianos, para encarar o seu ser-para-a-morte. Ao não fazer isso, também não encara a vida com coragem, não ousa radicalmente, de modo que vive sem viver.

⁴² Tolstói, 2006, p. 11.

4. Consciência do desespero e fé

Kierkegaard afirma que “O próprio desespero é uma negatividade, e a ignorância a respeito do desespero é uma nova negatividade. Mas para alcançar a verdade deve-se passar por cada negatividade”.⁴³ A vida humana, no entender de Kierkegaard, não tem outra saída a não ser tomar consciência do desespero e enfrentá-lo. Isso, contudo, poderia levar ao entendimento de que, para tornar-se si mesmo, bastaria tomar consciência do desespero. Aos olhos de Kierkegaard, essa posição não parece filosoficamente consistente. Embora não haja espaço aqui para entrar nos meandros dessa discussão, é preciso afirmar que para Kierkegaard o indivíduo não constrói o positivo ao meramente negar a negatividade. Aquilo que vale para a gramática, para o sistema lógico ou para a matemática, que a negatividade ao ser negada produz a afirmação, não é válido para as questões fundamentais da existência humana e de seu sentido.

N’A *Doença para a Morte*, o pseudônimo Anti-Climacus afirma que aquele que “com toda sua força por si mesmo e apenas por si mesmo quer anular o desespero [...] ainda está em desespero e se esforça com todo o seu suposto esforço apenas para ir ainda mais fundo em seu profundo desespero”.⁴⁴ Ou seja, não apenas o tomar consciência do desespero se mostra como insuficiente para eliminá-lo, pois mesmo a ação supostamente contrária ao desespero, mas que opere a partir de sua base, é igualmente insuficiente.

Torna-se evidente que a saída do desespero não pode se dar a partir do próprio desespero, precisa ser operada a partir de uma nova base, em uma perspectiva radicalmente nova. Nesse âmbito não há conhecimento objetivo, mediação lógica, sistema filosófico ou mesmo prática ética que encaminhe o problema. É com esse diagnóstico filosófico elaborado a partir do entendimento de ser humano enquanto síntese, do conceito de desespero que daí decorre, e de seus vários desdobramentos, que se deve ler o conceito de fé, uma atitude a ser tomada justamente no limite do conhecimento e da objetividade.⁴⁵

Kierkegaard entende que na existência é preciso recorrer a uma positividade que é dada, algo que não é da ordem da mera produção ou atividade deliberadas. É apenas em um envolvimento da subjetividade, na totalidade da síntese, que o ser humano se relaciona com a positividade que o cura do desespero. Esse envolvimento da subjetividade, muitas vezes

43 Kierkegaard, 2022, p. 79.

44 Kierkegaard, 2022, p. 44-45.

45 Cf. Roos, 2022, p. 67.

caracterizado como paixão, constitui o âmbito da fé, entendida como cura para o desespero:

Mas o contrário de estar desesperado é ter fé; portanto também está totalmente correto o que foi afirmado acima como sendo a fórmula que descreve um estado no qual não há absolutamente nada de desespero, e esta é igualmente a fórmula para a fé: ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si-mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu.⁴⁶

Com o que foi dito, deve ficar claro que se a consciência do desespero não se mostra como condição suficiente para a superação do desespero, ela ainda assim é parte fundamental desse processo. É interessante notar como Ivan Ilitch, de modo não linear, com altos e baixos, caminha em direção a uma consciência cada vez maior de seu desespero. Isso agora será mostrado a partir de algumas passagens selecionadas e, então, retornaremos ao conceito de fé.

A certa altura Ivan Ilitch percebe a sua situação de uma nova forma, numa maior consciência do que enfrenta: “O ceco! O rim – disse a si mesmo. – O caso não está no ceco, nem no rim, mas na vida e... na morte. Sim, a vida existiu, mas eis que está indo embora, embora, e eu não posso detê-la. Sim. Para quê me enganar? [...]”⁴⁷ Mais à frente na narrativa, com uma consciência maior do que fora a sua vida, nosso personagem consegue colocar em xeque os padrões sociais e a opinião pública, outrora sempre tão estimados por ele: “Como se eu caminhasse pausadamente, descendo a montanha, e imaginasse que a estava subindo. Foi assim mesmo. Segundo a opinião pública, eu subia a montanha, e na mesma medida a vida saía de mim... E agora, pronto, morre!”⁴⁸

Já nas páginas finais, na cena em que Ivan Ilitch recebe a comunhão, o seu estado é seguido de breves instantes de alívio. A esposa então lhe dá os parabéns e, nisso, retorna a ele a percepção da grande mentira que fora a sua vida: “O traje dela, a sua compleição, a expressão do rosto, o som da sua voz, tudo lhe dizia somente: ‘Não é isso. Tudo aquilo que viveste e de que vives é uma mentira, um embuste, que oculta de ti a vida e a morte’”⁴⁹.

A situação daquilo que aqui, a partir de Kierkegaard, pode ser chamado de consciência do desespero, é intensificada a seu máximo. Note-se como a citação a seguir mostra uma percepção muito próxima entre Tolstói e Kierkegaard, qual seja, a

46 Kierkegaard, 2022, p. 85.

47 Tolstói, 2006, p. 46-47.

48 Tolstói, 2006, p. 67.

49 Tolstói, 2006, p. 73.

necessidade de aprofundar-se no próprio desespero e só aí, nesse aprofundamento, com toda a dificuldade que implica, quiçá encontrar uma saída:

No decorrer de todos aqueles três dias, quando o tempo não existia para ele, ficou estrebuchando no saco negro para o qual o empurrava uma força invisível e invencível. Debatia-se como um condenado à morte debate-se nas mãos do carrasco, sabendo que não tem salvação; e a cada momento ele sentia que, não obstante todo o esforço na luta, ele estava cada vez mais perto daquilo que o horrorizava. Sentia que o seu sofrimento consistia também em que ele penetrava naquela fossa negra, e ainda mais em que não podia esgueirar-se para dentro dela. E o que o impedia de fazê-lo era a convicção de que a vida fora boa. Esta justificação da sua vida é que se agarrava a ele, não o deixava prosseguir e atormentava-o mais que tudo.

De repente, certa força empurrou-lhe o peito, o lado, comprimiu-lhe com mais força ainda a respiração, ele caiu na fossa, e lá, no fundo, algo alumiou. [...]

E de repente, percebeu com clareza que aquilo que o atormentara e não o deixava estava de repente saindo de uma vez, de ambos os lados, de dez lados, de todos os lados.⁵⁰

No entendimento de Kierkegaard, como vimos, para chegar à verdade é preciso passar por toda negatividade. Porém, como também vimos, Kierkegaard entende que o mero negar a negatividade não se constitui como resposta suficiente à questão.

O problema do desespero, o problema da desarticulação da síntese que constitui o ser humano e de sua conseqüente perda de sentido existencial, não pode ser superado através do conhecimento, pois o ser que conhece, conhece a partir de sua finitude e, portanto, não é capaz de abarcar o polo da infinitude para realizar a síntese de forma puramente racional. A superação da situação de desespero, portanto, e a possibilidade de construção do si-mesmo, só podem ser realizadas por meio da fé, entendida como única possibilidade de estabelecer a síntese de finitude e infinitude em sua relação adequada. Note-se que, pelo menos em relação a Kierkegaard, o que se percebe aqui se constitui, em boa medida, como resultado de um pensamento filosófico, de uma filosofia que, justamente por procurar levar a razão a suas últimas conseqüências, vem a perceber seus próprios limites. É claro que, além disso, essa questão implica também em uma análise do modo como Kierkegaard elabora suas respostas ao problema da existência no interior de uma gramática cristã, por assim dizer. Esta análise é trabalho específico para a Filosofia da Religião e para a Teologia.

50 Tolstói, 2006, p. 74-76.

Em *Uma Confissão*,⁵¹ lidando com a questão do sentido de sua vida, Tolstói escreve que o saber filosófico responde que “essa pergunta não pode ser respondida por ele e que, para ele, a solução continuará indefinida”.⁵² E o autor segue afirmando o seguinte:

Uma vez compreendido isso, compreendi também que era impossível buscar no saber racional a resposta para minha pergunta e que a resposta oferecida por esse saber é apenas uma indicação de que a resposta só pode ser obtida por meio de uma formulação diferente da pergunta, que introduza no raciocínio a questão da relação entre o finito e o infinito. Entendi também que, por mais irracionais e monstruosas que sejam as respostas fornecidas pela fé, elas têm a vantagem de introduzirem, em cada vez, a relação entre o finito e o infinito, sem a qual não pode haver resposta. Seja como for que eu formule a pergunta “Como devo viver?”, a resposta é: segundo a lei de Deus. “O que minha vida vai deixar de real?” Tormentos eternos ou a bênção eterna. “Qual o sentido que a morte não destrói?” A união com o Deus infinito, o paraíso.⁵³

Ato contínuo à percepção de Ivan Ilitch, que lemos mais acima, de que aquilo que o atormentara estava de repente saindo de uma vez, surge um novo sentimento com relação a sua família, não a raiva ou o ódio costumeiros, mas um olhar amoroso e compassivo: “Eles dão pena, é preciso fazer com que não sofram. Libertá-los e libertar a si mesmo desses tormentos. ‘Como é bom e como é simples – pensou’”.⁵⁴ No instante seguinte alguém disse, por cima dele, “Acabou”. “Ouvii essas palavras e repetiu-as em seu espírito. ‘A morte acabou – disse a si mesmo. – Não existe mais’”.⁵⁵

No pensamento de Kierkegaard, a noção de que o ser humano se constitui como síntese de finito e infinito (e de seus muitos correlatos) – o que se torna especialmente claro em *A Doença para a Morte* – é o que possibilita conceituar e descrever o desespero enquanto má relação da síntese. Essa mesma relação, contudo, é o que possibilita entender a fé como recuperação da síntese e, por isso, como cura para o desespero e como produtora de sentido – dado que na desarticulação da síntese operada no desespero o sentido inevitavelmente também se desarticula.

Esse mesmo par dialético, finito e infinito, se revela como crucial em *Uma Confissão* e pode se mostrar produtivo tanto para a compreensão das vicissitudes enfrentadas por Ivan Ilitch

51 Agradeço à professora Ana Matoso, da Universidade Católica Portuguesa, por sua sugestão de enriquecer as ideias desse texto ao compará-las com *Uma Confissão*.

52 Tolstói, 2017, p. 78.

53 Tolstói, 2017, p. 78-79.

54 Tolstói, 2006, p. 76.

55 Tolstói, 2006, p. 76.

quanto para compreendermos o sentido que experimenta em seus últimos instantes. Em *Uma Confissão* lemos que,

Quaisquer que sejam as respostas da fé, oferecidas a quem quer que seja, toda resposta da fé dá um sentido infinito à existência finita do homem – um sentido que não é destruído pelos sofrimentos, pelas privações e pela morte. [...] a fé é o sentido da vida humana, graças ao qual o homem não se destrói, e vive. A fé é a força da vida. Se o homem vive, ele acredita em alguma coisa. Se não acreditasse que é preciso viver para alguma coisa, ele não viveria. Se ele não vê e não entende a ilusão do finito, acredita nesse finito; se ele entende a ilusão do finito, deve acreditar no infinito. Sem fé, é impossível viver.⁵⁶

Se a dialética de finito e infinito pode ser pensada como critério para avaliar a existência, é importante que se perceba que um tal critério não se deixa captar pela exterioridade. Do ponto de vista exterior, Ivan Ilitch é homem bem-sucedido, feliz, bom companheiro etc. Do ponto de vista da interioridade, contudo, sua vida pode ser toda ela desespero, inclusive a despeito de sua eventual felicidade. Em *A Doença para a Morte* Kierkegaard afirma que:

a felicidade não é nenhuma determinação do espírito,⁵⁷ e dentro, bem lá dentro, no íntimo mais profundo do mais oculto esconderijo da felicidade, lá habita também aquela angústia⁵⁸ que é desespero; e ele quer muito que o deixem ficar ali, pois para o desespero este é o mais amado e mais procurado lugar para habitar: no âmago mais profundo da felicidade.⁵⁹

O que aqui é sugerido é que o desespero – tal como o entende o pseudônimo kierkegaardiano Anti-Climacus, e que, nas suas análises do *desespero da finitude* e do *desespero que está na ignorância de ser desespero*, parece iluminar a situação de Ivan Ilitch – é apresentado, nas duas principais obras aqui discutidas, como critério de avaliação da própria existência. A respeito disso, cito mais uma vez Anti-Climacus:

Oh, e quando então a ampulheta, a ampulheta da temporalidade tiver se esvaziado [*udrundet*]; quando o

56 Tolstói, 2006, p. 79-80.

57 O termo aqui traduzido por felicidade é Lykke, que pode ser traduzido também por sorte, boa sorte ou fortuna. Há um outro termo dinamarquês que também pode ser traduzido por felicidade (ou beatitude): *Salighed*. Deste último, vinculado à interioridade, Kierkegaard não diria que “não é nenhuma determinação do espírito”.

58 O termo angústia aqui é usado em um sentido bastante genérico, como sinônimo de desespero. Kierkegaard, entretanto, distingue com bastante clareza esses termos. A rigor, a angústia diz respeito à possibilidade de efetivação da síntese. O desespero, por sua vez, diz respeito à síntese mal efetivada. Uma distinção introdutória a esses dois conceitos, mostrando também seu parentesco, pode ser encontrada em Roos, 2022, nos capítulos “Angústia”, p. 46-55, e “Desespero”, p. 56-67.

59 Kierkegaard, 2022, p. 57.

barulho do mundo tiver cessado e as atividades, inquietas ou inúteis, chegarem ao fim; quando tudo ao teu redor estiver quieto, assim como é na eternidade – então se tu tiveres sido homem ou mulher, rico ou pobre, dependente ou independente, feliz ou infeliz; se em realeza vestiste o brilho de uma coroa ou em modesta obscuridade apenas suportaste a fadiga e o calor do dia;⁶⁰ se o teu nome será lembrado enquanto o mundo existir e, portanto, enquanto existiu, ou se tu, sem nome, correste como um anônimo na multidão inumerável; se a glória que te rodeava superou toda descrição humana, ou se te rodeava o mais severo e mais ignominioso julgamento humano: a eternidade pergunta a ti, e a cada um individualmente nesses milhões e milhões, apenas uma coisa, se tu viveste desesperado ou não.⁶¹

Para além dessa leitura e diagnóstico do desespero enquanto desarticulação da síntese de finitude e infinitude, vimos que em *A Doença para a Morte* a fé se constitui como o que encaminha a má relação entre finitude e infinitude e, assim, pode fornecer um sentido mais profundo à existência. Este olhar a partir de Kierkegaard, contudo, pode aguçar a nossa percepção para a conexão entre *A Morte de Ivan Ilitch* e a relação entre finito e infinito como pensada em *Uma Confissão*, de modo a que se perceba que se o desespero, como perda do si-mesmo, pode ser pensado como critério para se refletir sobre e avaliar a existência, então também temos como critério o seu oposto: a fé que relaciona finitude e infinitude, encaminha o problema do desespero a partir de nova base e, quiçá, pode fornecer à morte e à vida uma nova perspectiva.

Referências bibliográficas

- Dicionário Aulete Digital*. Disponível em <https://www.aulete.com.br>. Acesso em 08 de abril de 2024.
- GLENN, Jr., John D. “The Definition of the Self and the Structure of Kierkegaard’s Work”. In. PERKINS, Robert L. (Ed.). *The Sickness unto Death* (International Kierkegaard Commentary, v. 19). Macon, Georgia: Mercer University Press, 1987.
- HANNAY, Alastair. *Kierkegaard: a Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- KIERKEGAARD, Søren. *Søren Kierkegaards Skrifter*. Vols. 1-55. Ed. por N. J. Cappelørn et al. Copenhagen, Dinamarca, 2014. Disponível em <https://tekster.kb.dk/> Acesso em 08 de abril de 2024.
- KIERKEGAARD, Søren. *A Doença para a Morte*. Tradução,

60 Alusão a Mateus 20.12. [N.T.]

61 Kierkegaard, 2022, p. 59-60.

- introdução e notas de Jonas Roos. Petrópolis: Vozes, 2022.
- KIRMMSE, Bruce H. *Kierkegaard in Golden Age Denmark*. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- ROOS, Jonas. *10 Lições sobre Kierkegaard*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2022 (1ª edição: 2021).
- ROOS, Jonas. Religião, Temporalidade e Corporeidade em Kierkegaard. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*, v. 17, p. 347-363, 2014.
- TILLICH, Paul. *Dinâmica da fé*. Trad. de Walter O. Schlupp. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1996.
- TOLSTÓI, Liev. *Uma confissão*. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.
- TOLSTÓI, Lev. *A Morte de Ivan Ilitch*. Trad., posfácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2006.